

Francisco de Oliveira
Pascal Thiery
Raquel Vilaça
Coordenação

*M*ar
Greco-Latino

**O MAR DE AMBRÓSIO DE MILÃO:
NASCEDOURO DE ALMAS VIVENTES**

Marleine Paula Marcondes e Ferreira de Toledo

Universidade de São Paulo (USP)
Universidade de Sorocaba (UNISO)

O mar de Ambrósio de Milão é o mar do **Hexaemeron**⁽¹⁾, isto é, do relato dos seis dias da criação do mundo, narrada no primeiro capítulo do Livro do Gênesis: "*Deus disse: 'Que as águas que estão sob o céu se reúnam numa só massa e que apareça o continente' e assim se fez. Deus chamou ao continente 'terra' e à massa das águas 'mares', e Deus viu que isso era muito bom.*"⁽²⁾

Ambrósio, inspirando-se na obra homônima de Basílio⁽³⁾, escreveu o seu **Examerão** em 9 homilias, cerca do ano 388. A edição que utilizamos para esta comunicação é a do *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum* 32 (CSEL 32), publicada em Viena a partir de 1866. A tradução para o português é de Célia Mariana Franchi Fernandes da Silva, São Paulo, Editora Paulus, no prelo.

⁽¹⁾ RUDLOFF, D. Leo v. / KEKCKEISEN, D. Beda OSB. *Pequena Teologia Dogmática*. 3ª ed. Bahia: Tipografia Beneditina, 1951, p. 201.

⁽²⁾ Gn 1,9-10. BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus Editora, 2000.

⁽³⁾ Basílio Magno nasceu em Constantinopla cerca de 330 e morreu em 379. Entre muitas outras obras doutrinárias e morais cristãs, escreveu nove longas homilias denominadas *Sobre o Hexaemeron*, que visam a explicar e comentar o sentido literal do relato bíblico; Ambrósio aproveitou este comentário da criação e retocou-o em sua obra homônima. Cf. ALTANER, B. e STUIBER, A. *Patrologia*. Trad. das Monjas Beneditinas. São Paulo: Edições Paulinas, 1972, p. 295-296.

Ambrósio adota a interpretação literal de que a cada dia de 24 horas corresponde uma ou várias ações criadoras de Deus, que finalmente descansou no sétimo dia, o sábado. Diz ele no *Dies Primus*: "a medida de 24 horas é o tempo de um dia"⁽⁴⁾. Na conclusão do sexto dia escreve: "fez o céu, não leio que descansou, fez a terra, não leio que descansou, fez o sol, a lua e as estrelas, nem aí leio que descansou, mas leio que fez o homem e então descansou..."⁽⁵⁾ Sua leitura da criação é sempre desproblematizada: assim está escrito, assim deve ser lido e entendido.

A metodologia de Ambrósio no Examerão é quase sempre partir do sentido literal da Escritura e dele extrair ilações teológicas e morais.

Relata que no princípio Deus criou o céu e a terra; esta estava vazia, as trevas cobriam o abismo e um vento de Deus pairava sobre as águas. Deus criou a luz, viu que a luz era boa, separou a luz das trevas, chamou à luz dia e às trevas, noite; houve então uma tarde e uma manhã, primeiro dia.

Contrariando filosofias de seu tempo, argumenta e prova que o mundo foi **feito**, e não é coeterno a Deus.

O céu e a terra participam da natureza de todas as coisas, quer dizer, são corruptíveis, têm um começo e um fim. No céu e na terra estão misturados os quatro elementos que são a base das coisas do mundo: ar, fogo, água e terra.

A terra não está suspensa na água ou no ar, mas no preceito divino, que é o fundamento de todas as coisas. Estava invisível, porque ainda não fora criada a **luz**. A luz não tem valor em si mesma, presta um serviço, proporcionando a faculdade de ver.

Deus criou tudo **bom**, não criou o mal, que é um desvio da mente, um afastamento do caminho da virtude.

⁽⁴⁾ "XXIII horarum mensura unius diei tempus est". AMBROSII. *Exameron*. Viena, CSEL 32, 1866 ss. *Dies primus*, 10,37, p.39 .

⁽⁵⁾ "fecit caelum, non lego quod requieverit, fecit terram, non lego quod requieverit, fecit solem et lunam et stellas, nec ibi lego quod requieverit, sed lego quod fecerit hominem et tunc requieverit..." (10,76, p. 261).

Quando a Escritura diz que fora feita a tarde e a manhã, um **dia**, isto significa que dia é o nome principal, abrangendo dia e noite; é uma divisão do tempo, correspondente a 24 horas.

No segundo dia, Deus disse: "Faça-se um firmamento no meio da água e que ele seja o divisor no meio da água".⁽⁶⁾ Ambrósio contesta a opinião de muitos que julgam impossível haver água acima do firmamento, porque pela lei natural esta água escoaria para baixo. Mas para Ambrósio a lei natural é a vontade de Deus: Deus disse e aconteceu.

Estabelece a diferença entre **céu** e **firmamento**: o primeiro refere-se às criaturas celestes, o segundo é o céu exterior e chama-se firmamento porque é firme.

Para o terceiro dia, Ambrósio toma dois pontos de partida da Escritura: "Reúna-se a água que está debaixo do céu em um só ajuntamento"⁽⁷⁾ e "que a terra produza a erva do feno, que a semente germine segundo sua espécie e a árvore frutífera produza, segundo sua espécie, o fruto que tem em si sua semente"⁽⁸⁾.

Deus ordenou que as águas que estavam em vários reservatórios, uns mais altos, outros mais baixos, fossem reunidas em um só ajuntamento. Ambrósio contesta a opinião daqueles que julgam impossível as águas mais baixas subirem, porque a natureza das águas é descer, afirmando que a natureza de todas as coisas é obedecer ao Criador. A este ajuntamento único Deus chamou **mar**, embora existam muitos mares, cujas denominações advêm das regiões por eles banhadas.

Tendo-se ajuntado as águas no mar, apareceu a terra, que antes estava invisível. Por ordem do Criador, ela germinou ervas e plantas de toda espécie, todas boas: umas servem de alimento, outras de remédio.

⁽⁶⁾ "*Fiat firmamentum inter medium aquae et sit discernens inter aquam*" (2,4, p. 43).

⁽⁷⁾ "*Congregetur aqua quae est sub caelo in congregationem unam*" (1,1, p. 59).

⁽⁸⁾ "*Germinet terra herbam faeni seminans semen secundum genus et lignum fructiferum faciens fructum secundum genus, cuius semen suum in ipso.*" (6,25, p. 76).

No quarto dia Deus fez os dois grandes luminares, o sol para governar o dia, a lua para governar a noite.

O sol é criatura, não pode ser adorado como deus e deve levar ao sol de justiça, que é Cristo; sol e lua são sinais para os tempos, mas daí não se deve deduzir, como também dos signos do zodíaco, que sejam sinais de predestinação, presidindo ao nascimento dos homens, porque, nesse caso, a fatalidade sobrepujaria o esforço para o crescimento das virtudes.

A lua anuncia o mistério de Cristo, já que desaparece para tornar a aparecer, diminui e torna a crescer; é também figura da Igreja, visto que ilumina as trevas deste mundo.

No quinto dia Deus deu à água a graça da vivificação - e ela foi a primeira a produzir criaturas de **alma vivente**: répteis, peixes, e aves. Cada espécie de peixe tem seus próprios costumes, que devem ser imitados ou evitados pelos homens.

O homem é um peixe, e o mar é um evangelho: como um peixe, o homem deve saltar sobre as ondas do mar, isto é, sobre as seduções do mundo.

No mar também nasceram as aves. Aves e peixes são parentes, porque o vôo das aves corta os ares, assim como o nado dos peixes corta as águas. As aves também nos ensinam costumes que devemos imitar: piedade filial, castidade, arrependimento, temor de Deus.

O sexto dia trata da criação dos animais terrestres e finalmente do homem.

Descreve muitos animais, enxergando em todos a presença da sabedoria de Deus, que penetra toda criatura. Fala do asno, da raposa, perdiz, leão, leopardo, formiga, dos cães, da serpente, da tartaruga, dos bois, ovelhas, ouriço... A partir de seus hábitos, tira lições teológicas e morais para o homem; o cão, por exemplo, é o símbolo da fidelidade: certo homem foi roubado e assassinado; seu cão não saiu de seu lado e, quando se juntou gente ao se descobrir o cadáver, agarrou-se ao assassino que tentava

confundir-se com a multidão, delatando-o com seu comportamento e permitindo sua prisão.

Ambrósio chega finalmente ao "Façamos o homem a nossa imagem e semelhança"⁽⁹⁾. A semelhança do homem com Deus reside sobretudo na **alma** humana, que é espiritual, imortal e, pelo pensamento, pode vaguear por lugares distantes, sem sair de onde está - o que é uma figura da onipresença de Deus. Mas o corpo humano também reflete a perfeição divina, da cabeça aos pés, e deve ser respeitado.

A obra do mundo foi concluída na perfeição do homem; nele Deus descansou, porque, sendo misericórdia, tinha alguém para perdoar os pecados; estava assim prefigurado o mistério pascal de Jesus Cristo, que descansou na cruz, redimindo a humanidade.

- x -

No Examerão, o mar é primordialmente uma realidade física, que tem valor em si mesma, cujos indícios já aparecem no primeiro dia, quando a Escritura fala do **abismo** e das **águas**: "as trevas estavam sobre o abismo"⁽¹⁰⁾, "estavam pois as trevas sobre o abismo das águas"⁽¹¹⁾. No segundo dia aparece novamente a realidade líquida sensível, na separação entre as águas que estavam acima do firmamento e as que estavam abaixo dele: "e Deus fez uma separação no meio da água, a que estava sob o firmamento e a que estava sobre o firmamento"⁽¹²⁾. O ponto de partida do terceiro dia é também o mesmo elemento líquido: "reúna-se a água que está sob o céu em um único ajuntamento"⁽¹³⁾. Um pouco mais à frente, este elemento líquido é pela

⁽⁹⁾ "*Faciamus ... hominem ad imaginem et similitudinem nostram*" (7,40, p. 231).

⁽¹⁰⁾ "*tenebrae erant super abyssum*" (8,28, p. 27).

⁽¹¹⁾ "*erant ergo tenebrae super abyssos aquarum*" (8, 28, p. 27).

⁽¹²⁾ "*et discreuit deus inter medium aquae, quae erat sub firmamento, et inter medium aquae, quae erat super firmamentum*" (3,8, p.47).

⁽¹³⁾ "*congregetur aqua quae est sub caelo in congregationem unam*" (1,1, p. 59).

primeira vez chamado de mar e recebe nomes diferenciados, de acordo com as regiões que banha, de sorte que, por exemplo, Mar Adriático, Mar Tirreno e muitos outros são denominações regionais do **mar**, ajuntamento único, contínuo e corrente: "Deus chamou os ajuntamentos de águas de mares. Assim, um é o ajuntamento geral, que se chama mar, e muitos os ajuntamentos que se denominem mares conforme suas regiões"⁽¹⁴⁾. No quarto dia a realidade física do mar aparece em seu fluxo e refluxo, comandado pela lua: "diz-se também que há um refluxo no mar; dizem que, embora nos outros dias este refluxo observe sua ordem, ao nascer da lua ele dá um sinal evidente de variação"⁽¹⁵⁾. No quinto dia aparecem as criaturas vivas que vivem ou procedem do mar, conforme a "biologia" bíblica: "Assim disse Deus: produzam as águas répteis de alma vivente segundo sua espécie e aves que voem seguindo o firmamento do céu"⁽¹⁶⁾. No sexto dia o mar físico aparece como um dos "membros" do mundo: "o céu está acima do ar, das terras e do mar, que são como que os membros do mundo..."⁽¹⁷⁾

Não falta à ordem das aparições do mar através dos seis dias do Examerão a intenção evolutiva e organizadora que preside toda a criação: no primeiro dia, o mar é simplesmente água; no segundo, é a água que está abaixo do firmamento; no terceiro, é o ajuntamento geral das águas que cobrem a terra; no quarto, é o agente das marés; no quinto, é o berço dos seres vivos; finalmente, no sexto, estando já totalmente caracterizado em todos os seus aspectos, é, junto com o ar e a terra, um dos membros do mundo.

Considerando primordialmente o mar uma realidade física, Ambrósio antecipa aquilo que a Igreja sanciona como a primeira aproximação que se deve fazer da Escritura: entender seu sentido literal. Compare-se a lição do

⁽¹⁴⁾ *"deus congregationes aquarum uocauit maria. Ita et una est generalis collectio, quae dicitur mare, et multae collectiones, quae maria pro regionibus nuncupantur"* (3,13, p. 68).

⁽¹⁵⁾ *"ampotis, quae in oceano esse perhibetur, cum reliquis diebus ordinem suum seruare dicatur, lunari exortu euidens mutationis suae fertur indicium dare"* (7,30, p. 135-136).

⁽¹⁶⁾ *"dixit itaque deus: producant aquae reptilia animarum uiuentium secundum genus et uolatilia uolantia secundum firmamentum caeli"* (1,2, p. 141).

⁽¹⁷⁾ *"...caelum eminet aeri terris mari, quae uelut quaedam membra sunt mundi..."* (9,55, p. 246).

Catecismo da Igreja Católica, quando cita S. Tomás de Aquino: "Todos os sentidos (da Sagrada Escritura) devem estar fundados no literal"⁽¹⁸⁾ - com o que diz Ambrósio no final do *Dies Primus*: "Lê simplesmente tu mesmo, ó homem, não caves um buraco para ti, sendo um mau intérprete"⁽¹⁹⁾.

A partir dessa leitura literal, a unanimidade dos exegetas sempre prescreveu como indispensável um sentido espiritual para a Escritura, alegórico, moral ou escatológico.⁽²⁰⁾ No Examerão, quanto à realidade física do mar, Ambrósio faz esta vinculação entre letra e espírito. Por exemplo, no *Dies Primus*, referindo-se à passagem do Mar Vermelho (sentido literal), afirma que quem submergiu toda maldade e se esforça por atravessar ileso os mares deste século "...não mais servirá ao diabo, nem às paixões terrenas deste corpo, nem aos erros da mente corrompida"⁽²¹⁾ - apresentando sucessivamente uma interpretação alegórica, escatológica e moral para o texto em questão.

Por outro lado, saindo do terreno da Teologia e adentrando o das artes, o mar de Ambrósio às vezes cede à Retórica: "Mas, como se pode ver, ao falarmos do mar, transbordamos muito..."⁽²²⁾ - e outras vezes é pura poesia, em belas descrições: "Realmente a aparência deste elemento é bela, quer quando embranquece em altas elevações e nos vértices das ondas, orvalhando de neve os rochedos - quer quando sua superfície, crispada por brisas muito amenas, mansa, serenamente tranqüila, reveste-se de cor púrpura, estendendo-se à distância diante dos que o contemplam, até quebrar nas praias vizinhas, não em ondas violentas, mas como que envolvendo-as e

⁽¹⁸⁾ "*Omnes sensus fundantur super litteralem*". Em *Catecismo da Igreja Católica*. Petrópolis, Editora Vozes e outras, nº 116, nota 109.

⁽¹⁹⁾ "*simpliciter lege, o homo, non tibi ipse foueam prauuus interpres effodias*." (8,30, p. 30).

⁽²⁰⁾ Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, nº 115.

⁽²¹⁾ "...*nec iam seruiet ei (diabolo) uel terrenis huius corporis passionibus uel deprauatae mentis erroribus qui demersa omni malitia... inoffenso saeculi huius freta studet uestigio transire*" (4,14, p. 12).

⁽²²⁾ "*Sed, ut uidetur, quoniam de mari loquebar, aliquantum exundauimus*" (*Dies tertius*, 4,17, p. 70).

saudando-as em ternos abraços; que doce som, que fragor agradável, que repercussão grata e harmoniosa..."⁽²³⁾.

Entretanto, além de ser, como se viu até agora, o reservatório líquido geral do mundo, criado por Deus como bela realidade física que aponta para outra realidade espiritual e transcendente - o mar do Examerão é o mar da experiência concreta de Ambrósio, que vivia em Milão: o Mar Mediterrâneo. As almas viventes de que ele fala, nascidas no mar, são os peixes e os cetáceos do *mare nostrum*, além dos répteis e aves da região circunvizinha, que a "Biologia" bíblica considerava proximamente aparentados com os seres aquáticos: são os únicos que ele poderia conhecer.

- x -

O mar, ou, de modo geral, as águas, como **nascledouro de almas viventes** preenche totalmente o *Dies Quintus* do Examerão: "Assim disse Deus: produzam as águas répteis de alma vivente segundo sua espécie e aves que voem seguindo o firmamento do céu. Veio a ordem e imediatamente a água se abriu nos partos que lhe foram ordenados;...os peixes saltavam para fora dos rios, os golfinhos brincavam nas ondas, as conchas grudavam nos rochedos e as ostras nas locas do fundo, os ouriços do mar cresciam"⁽²⁴⁾.

Os procedimentos descritivo, narrativo e dissertativo de Ambrósio continuam os mesmos adotados nas demais aparições esporádicas da água:

⁽²³⁾ *"etsi pulchra sit species huius elementi, uel cum surgentibus albescit cumulis ac uerticibus undarum et cautes niuea rorant aspargine uel cum aequore crispanti clementioribus auris et blando serena tranquillitatis purpurescentem praefert colorem, qui eminus spectantibus frequenter offunditur, quando non uiolentis fluctibus uicina tundit litora, sed uelut pacificis ambit et salutat amplexibus - quam dulcis sonus, quam iocundus fragor, quam grata et consona resultatio..."*(*Dies tertius*, 5,21, p. 73).

⁽²⁴⁾ *"dixit itaque deus: producant aquae reptilia animarum uiuentium secundum genus et uolatilia uolantia secundum firmamentum caeli. uenit mandatum et subito aqua jussos fundebatur in partus;...pisces exhibant de flumine, delphines praeludebant in fluctibus, concae saxis, ostreae adhaerebant profundis, adolescebant echini"* (1,2, p. 141).

texto em sentido literal, quase sempre imediatamente seguido por uma leitura teológica ou moral; não se pode perder de vista que se tratava de sermões, pronunciados de improviso ou de memória para a edificação espiritual dos fiéis, posteriormente redigidos a partir de anotações de alguns ouvintes dotados de discernimento e perícia. Além disso, como Ambrósio era indubitavelmente um artista, o *Dies quintus* é uma exuberante obra de literatura e retórica.

Acompanhemos, nesta perspectiva, o *Dies quintus* do Examerão, que se dilata por dois sermões (*sermo VII-VIII*).

Segundo Ambrósio, a terra já havia vivificado em vegetais naturalmente animados pelo sopro divino; a água foi a última a receber a graça da vivificação - mas teve a prerrogativa de ser a primeira a produzir criaturas de alma vivente, isto é, criaturas que zelam pela vida e fogem da morte: répteis, peixes, golfinhos, ostras...⁽²⁵⁾

Répteis são as serpentes que rastejam sobre a terra, mas todo ser vivo que sabe nadar tem o aspecto e a natureza de réptil; alguns deles, como o crocodilo, têm pés e podem andar, vivem na terra e na água e por isso chamam-se anfíbios.⁽²⁶⁾

No mar há muito mais habitantes do que na terra: são incontáveis os peixes, as sépias, os pólipos, as serpentes, os dragões, as aves. E as criaturas que são temíveis na terra, são doces no mar: o leão marinho, o lobo marinho, os porcos do mar...⁽²⁷⁾

Cada espécie de peixe tem seus próprios costumes: algumas procriam pondo ovos e chocando-os, outras dão à luz filhotes vivos diretamente de seu próprio corpo.

As fêmeas de alguns peixes, quando pressentem algum inimigo, engolem seus filhotes para protegê-los, devolvendo-os depois à água, uma vez passado

⁽²⁵⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*. 1,1-2, p.140-141.

⁽²⁶⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*. 1,4, p. 142.

⁽²⁷⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*. 2,5-6. P. 143-144.

o perigo. Muitos homens, no entanto, diz Ambrósio, são suspeitos de já terem matado seus próprios filhos, para satisfazer às exigências das madrastas; muitas mulheres já comeram seus filhos recém-nascidos para saciar a fome, ou já os mataram em seu próprio útero. Há mais piedade para com os filhos entre os peixes do que entre os homens.⁽²⁸⁾

Um peixe mais fraco é muitas vezes presa e alimento de um mais forte; este, por sua vez, acaba sendo devorado por outro ainda mais forte - de sorte que vítima e predador algumas vezes se encontram no ventre de um terceiro inimigo. Segundo Ambrósio, isto é um exemplo para os homens: quem prejudica a outrem, prepara um laço no qual ele mesmo acaba caindo. Incluem-se aqui os ricos avarentos que devoram os parques bens dos pobres.⁽²⁹⁾

Para Ambrósio o homem é um peixe, porque o reino do céu é como uma rede lançada ao mar que colhe peixes de toda espécie; depois os pescadores recolhem os melhores e lançam fora os piores. No fim dos tempos, igualmente, virão os anjos e separarão os homens bons dos maus, lançando estes últimos na fornalha ardente. Os homens bons não temem as redes de Pedro, que são as redes da Igreja.⁽³⁰⁾

O mar, por sua vez, é um evangelho: sobre ele andou Cristo, andou Pedro... Ambrósio recomenda que o homem salte sobre as ondas do mar, isto é, do mundo, como o peixe. Que preserve o casamento, seguindo o exemplo da víbora; esta, ao ser sexualmente solicitada pela moréia, livra-se de seu veneno, vomitando-o, para acolher o cônjuge: que assim também procedam os maridos e as esposas, suportando-se mutuamente, na fidelidade.⁽³¹⁾

A serpente também pode ser interpretada no mau sentido, como a adúltera que se aninha no peito do marido de outra para perdê-lo.⁽³²⁾

⁽²⁸⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*. 3,7, p.145-146.

⁽²⁹⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*. 5,13, p. 149.

⁽³⁰⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*. 6, 15-16, p.150-152.

⁽³¹⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*. 7,17-19, p.152-154.

⁽³²⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*. 7, 19, p. 155.

O polvo é experiente na arte de enganar: fixa-se numa pedra, absorve-lhe a cor e, confundido com ela, apanha muitos peixes. Há muitos homens assim, dissimulados.⁽³³⁾

O caranguejo dá lições de esperteza, para conseguir comer a carne mole da ostra: quando ela se abre para aquecer-se ao sol, joga-lhe uma pedrinha, impedindo-a de fechar-se; introduz-lhe, então, uma das patas, tira-lhe as vísceras e devora-as. O homem procede com seu próximo muitas vezes como o caranguejo com a ostra, urdindo fraudes e nutrindo-se da desgraça alheia.⁽³⁴⁾

Nas águas, pelo sinal de Jonas, foi dada aos homens a salvação: como Jonas esteve no ventre da baleia durante três dias e depois salvou os Ninivitas, assim Jesus esteve três dias no ventre da terra e depois redimiu a humanidade.⁽³⁵⁾

Vieira, no *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*, pregado em São Luís do Maranhão, em 1654, com fina ironia e senso de observação crítica os vícios e vaidades dos homens, comparando-os com os peixes; certamente leu pelo menos o *Dies Quintus* de Ambrósio; critica, por exemplo, os grandes que, como muitos peixes, vivem do sacrifício dos pequenos, engolindo-os e devorando-os: é a mesma lição de Ambrósio citada pouco acima. Em Vieira, os grandes são os colonos do Maranhão, que no Brasil são grandes, mas em Portugal "*acham outros maiores que os comam, também a eles.*"⁽³⁶⁾ Falando do polvo, Vieira chega a citar Ambrósio e seu predecessor helênico Basílio: "*...testemunham os dois grandes doutores da Igreja Latina e Grega que o dito polvo é o maior traidor do mundo. Consiste essa traição do polvo em se vestir ou pintar das mesmas cores, de todas aquelas cores a que está pegado; "...se está em alguma pedra...faz-se da cor da mesma pedra. E daqui que sucede?*

⁽³³⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*. 8,21, p.156.

⁽³⁴⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*. 8, 22-23, p.157-158.

⁽³⁵⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*. 11, 35, p.70.

⁽³⁶⁾ VIEIRA, Pe. Antônio. Sermão de Santo Antônio aos peixes. In: VIANA, Mário Gonçalves. *Sermões e lugares selectos* (bosquejos histórico-literários, selecção, notas e índices remissivos). 3. Ed. Porto (Pt): Editora Educação nacional, 1954, 327 páginas [Colecção "autores Clássicos", nº 1].

Sucede que o outro peixe inocente da traição, vai passando desacompanhado, e o salteador, que está de emboscada dentro de seu próprio engano, lança-lhe os braços de repente, e fá-lo prisioneiro. Fizera mais Judas?⁽³⁷⁾

Depois dos peixes, Ambrósio passa a falar das aves, adotando a mesma metodologia: leitura literal, ilações teológicas ou morais.

Antes de dormir, no declinar do dia, elas cantam, louvando o Criador, dando um exemplo aos homens, para que salmodiem a Deus. Cantam os cisnes, o papagaio, os melros, o rouxinol, as rolas, as pombas e até as gralhas.⁽³⁸⁾

A alcione gasta apenas 14 dias para pôr ovos, chocá-los e nutrir os filhotes; durante este tempo o mar agitado se acalma: é a calma das alciones, conhecida dos marinheiros, durante a qual não precisam temer tempestades. Segundo Ambrósio, o comportamento da alcione é um exemplo de fé para os homens, que costumam proteger os filhos com abrigos e vestes, e não com a confiança na clemência de Deus, como esta ave faz.⁽³⁹⁾

Os mergulhões, as gaivotas e outras aves marítimas pressentem a aproximação das intempéries e procuram abrigo onde podem, numa espécie de premonição natural; o canto do ganso defendeu o Capitólio Romano do inimigo gaulês. Sabedoria inata, concedida por Deus.⁽⁴⁰⁾

As aves ensinam costumes que os homens devem imitar. As gralhas dão um exemplo de piedade: conduzem e dirigem a migração das cegonhas - enquanto os homens muitas vezes negam até hospitalidade a quem precisa.⁽⁴¹⁾

A cegonha, por sua vez, é um exemplo de piedade filial: ampara e alimenta o pai idoso e incapaz, por graça natural e não por obrigação - enquanto os homens passam esta tarefa aos escravos. Da palavra grega para dizer cegonha, deriva a palavra que significa piedade filial; portanto

⁽³⁷⁾ Idem, *ibidem*.

⁽³⁸⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*, 12, 36-39, p.169-172.

⁽³⁹⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*, 13, 40-42, p.172-173.

⁽⁴⁰⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*, 13, 43-44, p. 174.

⁽⁴¹⁾ Cf. *Exameron. dies quintus*, 16, 53-54, p.180-181.

elas, piedosas todas por natureza, deram o nome à virtude da piedade - enquanto, entre os homens, apenas um imperador romano recebeu este epíteto⁽⁴²⁾.

A andorinha é um modelo de piedade materna e confiança em Deus: não rouba quando é afligida pela pobreza, como fazem os homens, mas espera na providência divina.⁽⁴³⁾

As gralhas são solícitas com os filhotes mais novos, enquanto os homens praticam aborto para diminuir o divisor da herança; as mulheres se descuidam muito cedo da amamentação, por simples enfado; os ricos fazem discriminação entre os filhos, ao repartir seu patrimônio.⁽⁴⁴⁾

A águia rejeita os filhotes degenerados, que não são capazes de enfrentar a luz do sol de olho aberto, para preservar a nobreza da espécie. Esse filhote rejeitado é recolhido pela gaivota; assim, comenta Ambrósio, enquanto a gaivota alimenta os filhotes alheios, os homens rejeitam os próprios filhos.⁽⁴⁵⁾

A rola é o símbolo da fidelidade na viuvez: uma vez morto o companheiro, nunca mais se casa. Na opinião de Ambrósio, as mulheres, ao contrário, raramente conseguem permanecer viúvas.⁽⁴⁶⁾

A virtude da castidade pode ser encontrada nos abutres, os quais, segundo se diz, geram filhos sem acasalamento, prefigurando, segundo Ambrósio, a concepção virginal de Maria⁽⁴⁷⁾.

As abelhas também dão o mesmo testemunho, porque conservam a integridade virginal do corpo e sua prole sai de sua boca, sem acasalamento⁽⁴⁸⁾.

Certa ave conhecida como verme do Indo, até transformar-se no bicho-da-seda, passa por metamorfoses que prenunciam a ressurreição do homem e a transformação do corpo humano corruptível em incorruptível. A ave chamada

⁽⁴²⁾ Antonino Pio. Cf. *Exameron. Dies quintus*. 16, 55, p.181-182.

⁽⁴³⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*. 17,56, p.182-183.

⁽⁴⁴⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*. 18,58, p.184-185.

⁽⁴⁵⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*. 18, 60-61, p. 185-187.

⁽⁴⁶⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*. 19,62, p. 187.

⁽⁴⁷⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*. 20, 64-65, p.188-189.

⁽⁴⁸⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*. 21, 67, p.189-190.

fênix, pressentindo a morte, constrói para si um caixão perfumado, entra nele, morre e depois volta à vida. É também uma profecia da ressurreição humana; por isso Ambrósio julga que os homens devem fazer para si um caixão, onde possa ser enterrado o homem velho e de onde possa sair o novo; os perfumes identificam-se com a fé e as virtudes⁽⁴⁹⁾.

O abutre pressagia a derrota de um exército, quando o persegue em bando. O gafanhoto, ao devastar uma plantação, repara uma ofensa feita a Deus, pois foi assim que aconteceu no antigo Egito⁽⁵⁰⁾.

A coruja, que enxerga à noite e fica cega durante o dia, aponta para certos homens da ciência que só enxergam nas trevas, exploram coisas demoníacas, são perspicazes para as coisas vãs e obtusos para as eternas⁽⁵¹⁾.

Os morcegos prendem-se uns aos outros como um cacho de uvas, dando aos homens um exemplo de caridade⁽⁵²⁾.

O galo, finalmente, é muito importante na simbologia da Igreja: depois de seu canto, a fé de Pedro deixou de ser titubeante; Ambrósio almeja que, como Pedro, os homens também possam chorar seus erros⁽⁵³⁾.

Essas são algumas das ilações teológicas e morais do *Dies Quintus*, as quais, em se tratando de dois sermões para a edificação dos fiéis, não poderiam deixar de ser as mais numerosas.

- x -

Mas, quase sempre subjacentes a implicações éticas, há também outras ilações a serem tiradas desse nascedouro de almas viventes...

Começemos pela "ciência" do tempo. Existe uma Biologia no Examerão, logicamente ingênua, mas algumas vezes feita de observações práticas e

⁽⁴⁹⁾ Cf. *Exameron. dies quintus*. 23, 77-80, p.195-198.

⁽⁵⁰⁾ Cf. Ex.10, 1-15. BÍBLIA DE JERUSALÉM. Em *Exameron. Dies quintus*. 24, 82-83, p.198-199.

⁽⁵¹⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*. 24, 86, p. 200.

⁽⁵²⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*. 24, 87, p.201.

⁽⁵³⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*, 24, 88-89, p.201-203.

pertinentes. Assim, a explicação do parentesco biológico entre peixes e aves não tem respaldo científico: "Após a descrição dos peixes, vem bem a propósito o sermão sobre as aves que estão acostumadas às águas, porque também elas se alegram por saberem e gostarem de nadar. Daí parece vir um primeiro parentesco destas aves com os peixes, porque ambas as espécies parecem compartilhar a capacidade de nadar. O segundo parentesco entre as aves e os peixes está no fato de que o procedimento de quem voa é uma imagem de quem nada. Com efeito, assim como o peixe corta a água ao nadar, assim também a ave corta o ar com seu vôo célere"⁽⁵⁴⁾. Mas, científicas ou não, há observações pertinentes: como os peixes não podem viver fora da água e, portanto, têm de alimentar-se dentro da água, possuem duas fileiras de dentes, para que a mastigação e a deglutição dos alimentos sejam mais rápidas, e a comida não se perca no meio do mar⁽⁵⁵⁾; as aves de rapina, como os corvos, têm pés curvos, preparados para apanhar a presa; as que nadam têm pés largos e dedos ligados entre si por membranas, formando uma espécie de nadadeira; o pescoço alongado do cisne facilita-lhe a tarefa de pegar alimentos no fundo da água, uma vez que seu corpo se movimenta com lentidão.⁽⁵⁶⁾ E a seqüência da exposição, peixes - répteis e aves, sem descartar o criacionismo, prenuncia o evolucionismo, uma vez que, segundo essa teoria, os répteis vieram dos peixes - e dos répteis vieram as aves e os mamíferos, que aparecerão no *Dies sextus*.

Ainda que secundando ilações morais, existe um prenúncio de Bioética quando Ambrósio observa que, nas águas, as espécies de seres vivos não se misturam por acasalamento: timalo une-se unicamente com timalo, lobo com

⁽⁵⁴⁾ "*Pulchre autem post descriptionem piscium de his auibus quae adsuetae sunt aquis sermo successit, quia et ipsae similiter usu natandi et munere delectantur. unde prima cognatio videtur auibus istis esse cum piscibus, quoniam natandi communis quaedam uidetur utrique generi esse consortio. secunda quoque cognatio auibus et piscibus est eo quod uolantis usus species sit natandis. sicut enim aquam natando piscis incidit, ita auis aerem uolatu celeri secat.*" (*Dies quintus*, 44,45, p. 175).

⁽⁵⁵⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*. 5,12, p.148-149.

⁽⁵⁶⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*. 22, 74-75, p. 194.

lobo, numa sucessão ininterrupta. Já os homens, reprova Ambrósio, por cobiça, provocam acasalamentos animais de natureza adúlterina: jumento com égua, cavalo com jumenta, corrompendo a natureza; tais acasalamentos são inférteis e comparáveis à mutilação da virilidade nos eunucos, também praticada pelo homem para evitar a prole⁽⁵⁷⁾. E se quisermos fazer um passeio pela utopia, poderemos considerar a reprovação de tais acasalamentos como prelúdio à condenação da manipulação genética, das uniões homossexuais e outras práticas consideradas por muitos *contra natura*.

Germens de Ecologia estão na migração dos peixes e baleias: para Ambrósio, embora o mar não conheça fronteiras, seus habitantes estabelecem limites naturais, um cardume não invade o espaço de outro - como fazem os homens - e as baleias preferem o mar alto. Às vezes, contudo, alguns cardumes migram para regiões mais amenas, para aquecer os filhotes recém-nascidos, voltando depois para seu lugar de origem; é o que acontece com as migrações para o Ponto Euxino, de águas mais quentes. Ambrósio conclui que os peixes fazem essa travessia por piedade, enquanto os homens abandonam suas pátrias por ganância...⁽⁵⁸⁾ É o que acontece em nossos dias: basta pensarmos nas migrações clandestinas para os Estados Unidos, em busca de dinheiro, com conseqüências desastrosas na maioria das vezes.

Não faltam também ao Examerão modelos de organização social que, segundo Ambrósio, deveriam ser imitados pelos homens. Os grous, por exemplo, escolhem sentinelas por turnos, enquanto o resto do grupo descansa; durante o vôo, estabelecem uma alternância semelhante para a ave que deve ir à frente, conduzindo o batalhão. Entre os homens, observa Ambrósio, não é assim: cumprem a contragosto os turnos das vigílias e, uma vez investidos do poder de comando, não o querem deixar...⁽⁵⁹⁾ Não existe certa semelhança com algumas deficiências de nossa segurança pública, e

⁽⁵⁷⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*. 3,9, p. 146-147.

⁽⁵⁸⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*. 10, 26-29, p.160-164.

⁽⁵⁹⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*. 15, 50-52, p.178-180.

com a teimosia de alguns de nossos homens públicos em permanecer indefinidamente à frente de seus cargos? Ambrósio comenta, muito a propósito: "O trabalho sem descanso perverte o sentimento e o poder ininterrupto e duradouro gera a insolência"⁽⁶⁰⁾.

As abelhas vivem numa espécie de república; obedecem a um rei que nasce caracterizado como rei por puro acaso; é manso e não usa o ferrão para castigar: as abelhas desobedientes punem-se a si mesmas, picando-se com o próprio ferrão e morrendo a seguir. O rei tem o primado do vôo: vai à frente do enxame. A colmeia é uma obra de engenharia, onde se produz o mel, a cera, a própole. A divisão de serviço é perfeita - e a ferroada defende do inimigo, embora ocasione a morte da defensora. Segundo Ambrósio, a organização social das abelhas, baseada na divisão de trabalho e na obediência, deve ser imitada pelos homens: "Decorre daí ser pertinente à república que as leis sejam comuns a todos e observadas por um comum devotamento, que todos estejam ligados por um só vínculo, que não seja direito de um o que outro reconheça não ser lícito para si próprio, mas que o que é lícito seja lícito para todos, e o que não é lícito não seja lícito para todos"⁽⁶¹⁾. As farpas de Ambrósio, aqui, têm como destinatário imediato o governo romano, mas podem e devem ser estendidas a governos que apresentem o mesmo vício.

As lides forenses também marcam presença no Examerão. Na referência feita anteriormente aos costumes amorosos da víbora e da moréia há uma censura geral à volubilidade feminina, mas está evidente uma crítica concreta ao Direito Romano, que permitia o divórcio com muita facilidade e por motivos banais, de tal forma que em certa época a natalidade baixou muito em Roma, pela exígua duração dos casamentos - conforme já observamos em

⁽⁶⁰⁾ "...et iugis labor auertit affectum et continua ac diuturna potentia gignit insolentiam" (*Dies quintus*. 15, 52, p. 180).

⁽⁶¹⁾ "hinc enim rei publicae usus est leges omnibus esse communes atque observari eas devotione communi, uno omnes teneri uinculo, non alii ius esse quod alius sibi intellegat non licere, sed quod liceat licere omnibus et quod non liceat omnibus non licere" (*Dies quintus*. 21, 66, p. 189).

nossa última comunicação feita nesta Universidade.⁽⁶²⁾ Diz Ambrósio: "A moréia, uma vez solicitada, não falta e partilha seus desejos conjugais com a serpente venenosa...: tu, mulher, repudias teu marido e pensas que deve ser trocado muitas vezes; se ele se ausenta um único dia, tu contrais novas núpcias com um rival e imediatamente, como se tivesse sido já instruído um processo que não o foi, cometes um atentado ao pudor"⁽⁶³⁾. Outra farpa lançada contra o Direito Romano está na comparação do zelo materno das gralhas com todos os filhotes - com a discriminação que os ricos fazem entre os próprios filhos, apoiados pela lei: "*Quem, entre as comunidades fraternas naturais, fez desiguais os irmãos? Sobre os filhos de um único rico pesam sortes diferentes. Um é inundado pela fortuna do pai, outro deplora uma porção exígua e pobre da opulenta herança paterna. Por acaso a natureza dividiu os méritos dos filhos?*"⁽⁶⁴⁾ Já nos referimos também a esse fato em nossa mesma comunicação feita aqui nesta Universidade.

Por fim, subjaz ao *Dies quintus* um esboço de Teoria da Comunicação.

António R. Damásio⁽⁶⁵⁾ constata que os seres humanos, para relacionarem-se entre si, sobrepõem aos mecanismos biológicos de base genética outros mecanismos sofisticados e variados, adquiridos do meio ambiente, "estratégias supra-instintivas de sobrevivência que se desenvolveram em sociedade, transmitidas por via cultural, e que requerem, para sua aplicação, consciência, deliberação racional e força de vontade". Podemos dizer que da interação

⁽⁶²⁾ Cf. TOLEDO, Marleine Paula Marcondes Ferreira de. *O Direito Romano e seu contributo para a construção da Europa*. In: OLIVEIRA, Francisco (org.). *Génese e consolidação da ideia de Europa*. Coimbra (Pt): Imprensa da Universidade de Coimbra, 2005, V. III (O mundo romano), p. 239-253.

⁽⁶³⁾ "...muraena autem inuitata non deest et uenenatae serpenti expetitos usus suae coniunctionis inperit...tu (mulier) iugalem repudias tuum et putas saepe mutandum et, si uno defuerit die, superducis riualem et statim incognita causa quasi cognita iniuriam pudoris exsequeris" (*Dies quintus*, 7, 18, p. 153-154).

⁽⁶⁴⁾ "quis inter naturae fraterna consortia fratres inpaes fecit? Unius diuittis filii diuersa sorte caeduntur. alius totius paternae sortis ascriptionibus inundatur, alius opulentiae hereditatis patriae deplorat exhaustam atque inopem portionem. numquid natura diuisit merita filiorum?" (*Dies quintus*, 18, 58, p. 184-185).

⁽⁶⁵⁾ Em O ERRO DE DESCARTES. São Paulo; Companhia das Letras, 1996, p.152.

entre o que é biológico (a oxitocina, para Damásio⁽⁶⁶⁾) e o que é social resulta a comunicação humana. Mas o que causa admiração a esse neuro-cientista é "a complicada organização social dos nossos primos afastados, os macacos" ou "**as sofisticadas práticas sociais de muitas aves**"⁽⁶⁷⁾.

Damásio admira-se da comunicação entre as aves, mas podemos estender sua estupefação às outras almas viventes nascidas do mar, segundo a "biologia" ambrosiana. A oxitocina, nos humanos, é o hormônio do amor, que "facilita as interações sociais e induz a ligação entre os parceiros amorosos"⁽⁶⁸⁾. É forçoso admitir uma força natural de amor também entre os irracionais, para que aconteçam os atos de comunicação referidos por Ambrósio entre as almas viventes provindas do mar. Os exemplos são numerosos.

Como já vimos, a víbora convida a moréia à cópula **assobiando** para ela⁽⁶⁹⁾, e aquela atende pressurosa ao chamado do cônjuge que vem de longe.

Com a ostra, conforme já observamos acima, acontece algo extraordinário: ela gosta de ser **acariciada** e por isso algumas vezes se abre em duas partes para expor-se aos raios do sol, franqueando a entrada de suas duras cascas, para suas entranhas sentirem algum **prazer**; o caranguejo, aproveitando-se de sua despreocupação, impede-lhe o fechamento com uma pedrinha e arranca-lhe as entranhas para alimentar-se⁽⁷⁰⁾. Quem já assistiu ao moderno, poético e magnífico filme de Walter Lima Jr., **A ostra e o vento**, contemplou algo semelhante: a jovem e virgem Marcela vivia sozinha com seu severíssimo pai, faroleiro em uma ilha deserta, como que aprisionada pelo mar - **mar-cela**. Apaixona-se pelo imaginário Saulo, chama-o e o vento lhe responde na praia deserta (o **s** de Saulo é uma onomatopéia do vento), onde ela se abre para o amado, numa cópula imaginária; o fim do filme é trágico, como não poderia

⁽⁶⁶⁾ IBIDEM. p. 150.

⁽⁶⁷⁾ IBIDEM, p. 152.

⁽⁶⁸⁾ IBIDEM, p. 150.

⁽⁶⁹⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*. 7,18, p.153.

⁽⁷⁰⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*, 8, 22, p.157.

deixar de ser. Isso significa que, ontem como hoje, ninguém, nem os irracionais, podem viver sem comunicação e sem amor.

Entre o ouriço do mar e os marinheiros também se pode admitir uma espécie de comunicação amorosa, porque vendo esse animalzinho pegar uma pedra pesada e prender-se a ela como a uma âncora, os homens do mar entendem este sinal como indício da aproximação de uma tormenta imprevista e tratam de tomar precauções⁽⁷¹⁾.

É também um amor e uma comunicação incipientes que levam as diferentes espécies de peixes a não invadirem espaços alheios⁽⁷²⁾, que impelem alguns a migrarem temporariamente em busca de ambiente mais saudável para seus pequenos filhotes⁽⁷³⁾, que presidem ao vôo conjunto de algumas aves⁽⁷⁴⁾, que determinam a organização social de outras⁽⁷⁵⁾.

Mas a comunicação não se faz apenas *ad intra* no mar ambrosiano. Acontece sobretudo *ad extra*, entre Ambrósio e seus interlocutores: o Examerão, não é possível negar, é uma realidade lingüística.

Em se tratando de dois sermões para edificação dos fiéis, o Examerão é primordialmente um discurso persuasório. Quem cuida da persuasão é a retórica, a clássica, como a de Lausberg⁽⁷⁶⁾, e a moderna, ligada à teoria da argumentação, como a de Perelman⁽⁷⁷⁾. E a finalidade indiscutível da retórica, entre antigos e modernos, é chegar a um discurso da **utopia**⁽⁷⁸⁾; para isso

⁽⁷¹⁾ Cf. *Exameron. Dies Quintus*. 9, 24, p. 158.

⁽⁷²⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*. 10, 28, p.161-162.

⁽⁷³⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*. 10, 30, p.164.

⁽⁷⁴⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*. 15, 50, p.178-179.

⁽⁷⁵⁾ Cf. *Exameron. Dies quintus*. 21, 66, p.189 e seguintes.

⁽⁷⁶⁾ LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de retórica literária*. Tradução de R. M. Rosado Fernandes, Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1967.

⁽⁷⁷⁾ PERELMAN, Chaïm e TYTECA, Lucie Olbrechts. *Tratado da argumentação - a nova retórica*. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

⁽⁷⁸⁾ "Partindo do étimo grego (não - s lugar), utopia é o **não lugar**, isto é, aquilo que ainda não tem lugar hoje, mas que deverá existir no futuro. É o discurso do dever ser do homem. A utopia é uma certeza para um futuro mais ou menos longínquo, que define o melhor dos mundos possíveis - e não uma fantasia que propõe o melhor dos mundos imagináveis." TOLEDO, Marleine Paula Marcondes e Ferreira de. *O sirventês político um discurso da utopia*, São Paulo: USP, 1988, p.240.

ensina técnicas de persuasão, estando-lhe sempre implícitas as idéias de argumento e de auditório, assim como as de emissor e receptor.

Ambrósio é o emissor e a assembléia litúrgica, o receptor. O discurso de Ambrósio precisa ser conativo, persuasório - e, douto em retórica, ele usa todos os recursos a seu alcance para conseguir seu objetivo, que é convencer o receptor, obter dele uma mudança de atitude, que leve conseqüentemente a uma mudança do *status quo*; **é construir na mente do leitor ou do ouvinte um discurso da utopia**, isto é, **do que deve ser**. Para tanto, na opinião de Perelman, é preciso, em primeiro lugar, apresentar uma tese e **argumentar**, pois convencer um auditório é levá-lo a deliberar, pesar as razões, fazer uma escolha; não basta apenas colocá-lo diante da evidência, pois não é diante da evidência que se delibera, mas do "verossímil, do plausível, do provável"⁽⁷⁹⁾, apresentado da maneira mais convincente possível. Para isso, o texto argumentativo deve ter uma estrutura semelhante à silogística, com premissas que levem a conclusões; daí, para esse autor, a importância de "compreender o mecanismo do pensamento"⁽⁸⁰⁾, trabalhar este mecanismo com recursos lingüísticos pertinentes e não usar os *ornatus* da retórica tradicional apenas como enfeite, mas a serviço dessa persuasão mais ampla que constitui a finalidade precípua do discurso. Para tanto, é indispensável tornar **presenças** concretas, por meio da linguagem, seres, fatos, paisagens, circunstâncias, costumes, deslocando-os do passado para o momento da comunicação.⁽⁸¹⁾

A "tese" de Ambrósio, no *Dies quintus* do Exameirão, é mostrar o mar não apenas como nascedouro de almas viventes apresentadas de per si, mas como *locus* onde essas mesmas almas vivem, comunicam-se e interagem; *locus amoenus* criado por Deus e regido pelo **bem**, figura do que deveria ser a sociedade humana, figura da **utopia** a que todos os homens aspiram. Por

⁽⁷⁹⁾ PERELMAN. *Op. cit.*, p.1.

⁽⁸⁰⁾ PERELMAN. *Op. cit.*, p.6.

⁽⁸¹⁾ Cf. PERELMAN *Op. cit.*, p.132-133.

isso, os bons costumes dos seres marítimos são modelos a serem seguidos pelos homens e os vícios desses seres são uma correção, *a contrario sensu*. Conforme observamos em nossa última comunicação feita nesta casa, a formação da Europa repousa sobre o tripé da Filosofia Grega, do Direito Romano e do Cristianismo; Ambrósio, em seu mar, é um defensor ferrenho destas raízes cristãs e um incentivador e arauto da utopia cristã.

Ambrósio é discípulo de Paulo e tão concreto quanto o Apóstolo das gentes. Dirigindo-se especificamente aos Romanos, Paulo afirma que a realidade invisível de Deus "*tornou-se inteligível, desde a criação do mundo, através das criaturas*", mas os homens "*não o honraram como Deus nem lhe renderam graças*", "*perdendo-se em vãos arrazoados*".⁽⁸²⁾ O auditório concreto de Ambrósio é semelhante ao dos antigos Romanos, pelo que se pode depreender do Examerão: os ouvintes, cristãos ou catecúmenos, perderam a capacidade de reconhecer a presença de Deus na criação e por isso agem erroneamente, contrariando a lei natural; seu Bispo trata de lembrá-los, concretamente, através da descrição das criaturas do mar Mediterrâneo e dos costumes delas, que eles provavelmente haviam de conhecer.

Ambrósio revela-se, então, um grande argumentador, deixando transparecer sua formação jurídica na estrutura silogística de seu discurso: Deus criou boas todas as criaturas, inclusive as marítimas, mas os homens não enxergaram nelas um reflexo da perfeição divina e um modelo de vida; o papel de seu Bispo é lembrá-los dessa verdade e convencê-los a mudarem seu modo de viver: *agere sequitur esse*.

Em nível lingüístico, Ambrósio, bom retórico, lança mão de vários *ornatus* frasais, que não são enfeites, mas estabelecem as citadas **presenças**, para ocupar "todo o campo da consciência e isolá-lo, por assim dizer, do conjunto mental do ouvinte...impedindo que as premissas esbarrem "em obstáculos, depois de terem entrado no circuito mental de quem elas deveriam persuadir"⁽⁸³⁾.

⁽⁸²⁾ *Carta aos Romanos* 1,18-20.

⁽⁸³⁾ PERELMAN. *Op. cit.*, p. 134.

A **comparação** (*similitudo*)⁽⁸⁴⁾ e os **exemplos** são as figuras mais usadas: o homem aproveita-se da desgraça do outro, como o caranguejo se aproveita da imprevidência da ostra; o polvo disfarça-se de muitas cores, como os homens dissimulados - conforme já vimos acima. Mas há outras imagens percucientes: os peixes não podem viver sem a água, sua mãe; "tu, ó homem, diz Ambrósio, "ensinaste os pais a deserdar os filhos, ensinaste as separações, os ódios, as ofensas; aprende quais são as obrigações do pai e dos filhos."⁽⁸⁵⁾ As aves têm o costume de cantar ao nascer e ao declinar do dia, como que louvando o Criador; "quem", pergunta Ambrósio, "tendo sentimentos humanos, não se envergonharia de encerrar o dia sem a celebração dos salmos...?"⁽⁸⁶⁾ A rola, uma vez morto o companheiro, não mais se casa. "Aprendei, ó mulheres", diz Ambrósio, "quão grande é a graça da viuvez, pois até entre as aves ela é proclamada."⁽⁸⁷⁾

Outro recurso persuasório eficaz usado muitas vezes por Ambrósio são as perguntas retóricas, cuja resposta deve ficar por conta do recebedor - mas que é evidente. Assim, por exemplo, depois de elogiar a piedade filial da cegonha, que, como vimos, cuida pessoalmente do pai velho e doente, vem esta flechada: "Quem de nós não se aborrece de erguer o pai doente? Quem colocaria sobre os ombros um velho cansado? É algo que alguém dificilmente julgaria possível em sua própria vida. Quem, ainda que fosse piedoso, não encarregaria os escravos deste obséquio?"⁽⁸⁸⁾

⁽⁸⁴⁾ "A similitudo...é um domínio mais infinito do símile e consiste num factio mais geral da vida da natureza... ou da vida humana típica..., factio esse que é posto em comparação com o pensamento propriamente dito." LAUSBERG. *Op. cit.* p. 238.

⁽⁸⁵⁾ "tu, o homo, docuisti abdicaciones patrum in filios, separationes odia offensas: disce quae sit parentis et filiorum necessitudo." (*Dies quintus.* 4, 10, p.147).

⁽⁸⁶⁾ "qui enim sensum hominis gerens non erubescat sine psalmodum celebritate diem claudere...?"(*Dies quintus.* 12, 36, p.170).

⁽⁸⁷⁾ "discite, mulieres, quanta sit uiduitatis gratia, quae etiam in auibus praedicatur" (*Dies quintus.* 19, 62, p. 187).

⁽⁸⁸⁾ "quis nostrum releuare aegrum non fastidiat patrem? quis fessum senem suis umeris inponat, quod in ipsa historia uix credibile habeatur? quis, ut pius sit, non hoc seruilis mandet obsequium?" (*Dies quintus.* 16, 55, p. 182).

A persuasão se obtém ainda por exortações potentes e diretas: "Faz também tu, ó homem, como a fênix, um caixão para ti: despojando-te do teu homem velho, reveste-te do homem novo com seus atos. Teu caixão, tua bainha é Cristo; que ele te proteja e esconda no dia mau".⁽⁸⁹⁾

É relevante, ainda, do ponto de vista da presentificação, o chamado feito a alguns seres marítimos, fingindo tê-los esquecido: "E não vos preterirei, ó mergulhões, que recebestes este nome pela constância em mergulhar."⁽⁹⁰⁾

Os jogos de palavras, trocadilhos ou ditos jocosos muitas vezes servem como "gancho" entre dois assuntos; são sem dúvida recurso eficaz para redespertar um ouvinte distraído e revocá-lo à atenção: "Quanto a nós, do fundo do mar venhamos à tona; que nosso sermão possa emergir bastante e erguer-se para o alto."⁽⁹¹⁾ Escapara-nos, irmãos muito amados, a necessária exposição sobre a natureza das aves, e este assunto evoluiu-se de nós com as próprias aves."⁽⁹²⁾ "Eis que já estão voando ao teu redor as aves noturnas e, pelo próprio fato de estarem avisando que o discurso deve terminar, obrigam-nos também a mencioná-las."⁽⁹³⁾

Existem ainda imagens, anáforas, reiteraões...

- x -

O *Dies quintus*, como todo o Examerão, é uma grande obra de literatura, com belas descrições e excertos líricos comoventes: "É também suave durante a noite o canto do galo - não apenas suave, mas também útil, porque, como

⁽⁸⁹⁾ "*Fac et tu, homo, tibi thecam (ut phoenix): expolians te veterem hominem cum actibus suis nouum indue. theca tua, uagina tua Christus est, qui te protegat et abscondat in die malo*" (*Dies quintus*. 23, 80, p. 197).

⁽⁹⁰⁾ "*Nec vos praeteribo, merguli, quibus adsiduitate mergendi nomen hoc haesit.*" (*Dies quintus*, 13, 43, p. 174).

⁽⁹¹⁾ "*Sed iam adsurgamus ipsi de profundo maris et aliquantum sermo noster emergat atque ad superiora se subrigat.*" (*Dies quintus*, 11, 33, p. 166).

⁽⁹²⁾ "*Fugerat nos, fratres dilectissimi, necessaria de natura auium disputatio, et sermo huiusmodi nobis cum ipsis auibuseuolauerat*" (*Dies quintus*. 12, 36, p. 169).

⁽⁹³⁾ "*ecce iam tibi et nocturnae aues circumuolant et in eo ipso, quo finiendum sermonem admonent, sui quoque adsumendam commemorationem producant.*" (*Dies quintus*. 24, 84, p.199).

bom companheiro, acorda o que dorme, adverte o que vigia e reconforta o afastado viandante noturno, cantando alto, como um sinal sonoro. Quando ele canta, o ladrão abandona suas emboscadas. Excitada por ele, até a estrela d'alva se levanta para iluminar o céu; com o seu canto, o marinheiro inquieto abandona a tristeza"...com o seu canto, o sentimento piedoso se eleva suplicante"...por fim, com seu canto, a própria pedra da igreja apaga a culpa que contraíra, ao negar antes que o galo tivesse cantado."⁽⁹⁴⁾

Segundo o próprio Ambrósio, o Criador fez tudo bom e depois acrescentou beleza ao que fizera⁽⁹⁵⁾ - de modo que bondade e beleza estão intrinsecamente unidas na natureza, nos animais e nos homens. Tudo indica que é essa união indissolúvel que está no tratamento artístico do *Dies quintus*: Ambrósio batia-se por uma sociedade boa e bela - e essa bondade-beleza tinha de refletir-se em seus escritos, *ad maiorem Dei gloriam*.

REFERÊNCIAS

1. AMBROSII. *Exameron*. In: *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum* 32. Viena :1866 ss.
2. BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus Editora, 2000.
3. ALTANER, B. e STUIBER, B. *Patrologia*. Trad. das Monjas Beneditinas. 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1972.
4. DAMÁSIO, António R. *O erro de descartes*. Trad. de Dora Vicente e Regina Segurado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
5. HOHLFELDT, Antônio, MARTINO, Luiz C. e FRANÇA, Vera Veiga (orgs.). *Teorias da comunicação*. 3. ed. Petrópolis (RJ): Ed. Vozes, 2003.
6. LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de retórica literária*. Trad. de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1967.

⁽⁹⁴⁾ "Est etiam galli cantus suavis in noctibus - non solum suavis, sed etiam utilis, qui quasi bonus cohabitator et dormitantem excitat et sollicitum admonet et viantem solatur processum noctis, canora significatione protestans. hoc canente latro suas relinquit insidias, hoc ipse lucifer excitatus oritur caelumque inluminat, hoc canente maestitiam trepidus nauta deponit"...hoc (canente) deuotus adfectus exsilit ad precandum"... "hoc postremo canente ipsa ecclesiae petra culpam suam diluit, quam priusquam gallus cantaret negando contraxerat" (*Dies quintus*. 24, 88, p. 201).

⁽⁹⁵⁾ Cf. *Exameron*. *Dies secundus*. 1,2, p. 42.

7. PERELMAN, Chaïm e OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação - a nova retórica*. Trad. De Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
8. RUDLOFF, D. Leo v. / KEKCKEISEN, D. Beda OSB. *Pequena Teologia Dogmática*. 3. ed. Bahia: Tipografia Beneditina, 1951.
9. RUSSEL, Bertrand. *História da Filosofia Ocidental*. 3. ed. Tradução de Breno Silveira. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
10. SILVA, Célia Mariana Franchi Fernandes da. *Examerão* (trad. para o português). São Paulo: Editora Paulus (no prelo).
11. TOLEDO, Marleine Paula Marcondes e Ferreira de. *O sirventês político um discurso da utopia* (tese de livre docência em preparo).
12. TOLEDO, Marleine Paula Marcondes e Ferreira de. "O Direito Romano e seu contributo para a construção da Europa". *IN: OLIVEIRA, Francisco (org.). Gênese e consolidação da idéia de Europa*. Coimbra (Pt): Imprensa da Universidade de Coimbra, 2005, v. III (O mundo romano), p. 239-253.
13. VIEIRA, Pe. António. *Sermão de Santo António aos peixes*. *In: VIANA, Mário Gonçalves. Sermões e lugares selectos* (bosquejos histórico- literários, selecção, notas e índices remissivos). 3. Ed. Porto (Pt): Editora Educação nacional, 1954, 327 páginas [Colecção "autores Clássicos", nº 1].